

JOÃO DÉCIO PASSOS

A força do passado na fraqueza do presente

O TRADICIONALISMO

e suas expressões



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Passos, João Décio

A força do passado na fraqueza do presente : o tradicionalismo e suas expressões / João Décio Passos. – 1. ed. São Paulo : Paulinas, 2020. 248 p. (Crítica religiosa)

ISBN 978-85-356-4593-4

1. Igreja Católica 2. Movimento tradicionalista católico. 3. Igreja Católica – Conservantismo I. Título

19-2441

CDD 230

Índice para catálogo sistemático:

1. Tradicionalismo cristão 230

Angélica Llacqua – Bibliotecária – CRB-8/7057

1ª edição – 2020

Direção-geral: *Flávia Reginatto*

Editores responsáveis: *Vera Ivanise Bombonato e*
João Décio Passos

Copidesque: *Ana Cecilia Mari*

Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*

Revisão: *Sandra Sinzato*

Gerente de produção: *Felício Calegare Neto*

Capa e projeto gráfico: *Tiago Filu*

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62

04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)

Tel.: (11) 2125-3500

<http://www.paulinas.com.br> – editora@paulinas.com.br

Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2020

Sumário

Introdução	7
------------------	---

O TRADICIONALISMO E OS TRADICIONALISTAS

Capítulo I

Fisionomia e dinâmica do tradicionalismo católico.....	23
--	----

Capítulo II

A origem e o começo do tradicionalismo	51
--	----

DEMARCAÇÕES E IDENTIDADES TRADICIONALISTAS

Capítulo III

O Vaticano II: divisor de águas.....	83
--------------------------------------	----

Capítulo IV

A construção de identidades e linhagens tradicionalistas...	101
---	-----

AFINIDADES

Capítulo V

Tradicionalismo: afinidades políticas	127
---	-----

Capítulo VI

Papa Francisco e as direitas emergentes.....	157
--	-----

AVALIAÇÕES CRÍTICAS

Capítulo VII

Limites do tradicionalismo 183

Capítulo VIII

Discernimentos 201

A conclusão provisória..... 227

Bibliografia..... 235

Índice remissivo..... 241

Introdução

Deve-se entender que uma dominação é tradicional quando sua legitimidade descansa na santidade de ordenamentos e poderes de mando herdados de tempos distantes, “desde tempo imemorial”, crendo-se nela por méritos dessa santidade.
(Max Weber)

Os tradicionalistas são hoje mais visíveis dentro da Igreja Católica do que até algum tempo atrás, embora já existam de modo definido e ativo, como grupo e como tendência bem demarcados, ao menos desde o século XIX. Há quem possa replicar que o tradicionalismo é, na verdade, medieval em sua mentalidade e em suas causas, pelos modelos e ideias que defendem. O fato é que em um tipo de sociedade, no caso a cristandade medieval, em que uma cosmovisão se faz hegemônica, não há lugar para distingui-la de outra que lhe seja distinta ou oposta; existe tão somente uma percepção e uma estruturação dominante, entendida não somente como unitária e única, mas também como atual e atuante. É somente quando um novo modelo de vida entra em

cena que se torna possível qualquer distinção entre esse e aquele modelo até então hegemônico. Portanto, se é verdade que a cosmovisão tradicionalista se estrutura a partir de percepções e operações construídas com matéria-prima retirada da época medieval, mais verdade é que essas percepções e operações só adquirem seus contornos definidos quando uma nova ordem se coloca sob todos os aspectos no processo histórico, permitindo distinguir o presente do passado, concretamente o moderno do tradicional. O termo *modernus*, no latim, designa precisamente aquilo que é “atual” ou “pertencente aos nossos dias”, distinto do que é passado. A modernidade vai emergindo no fluxo de uma consciência que distingue passado de presente e, gradativamente, vai construindo o atual (*modernus*) como modo de vida que supera aquele do passado pelos valores e pelas possibilidades novas que trazia, seja como promessa, seja como projeto ou como modo concreto de vida.

Como se verá a seguir, o tradicionalismo, nas suas várias vertentes, foi construído como uma espécie de antídoto da modernidade, ou a várias causas e a alguns dos efeitos dessa época. É partir da consciência histórica moderna que se podem distinguir os que pensam e agem de modo moderno dos que pensam e agem de modo não moderno (pré ou antimoderno). No curso das transformações modernas na Europa dos séculos XVIII e XIX, particularmente na França, podem ser localizados aqueles que rejeitam as crises modernas na direção de uma proposição de futuro, caso tanto dos movimentos socialistas/marxistas e daqueles que entendem que o presente já possui o futuro, baseado na ordem e no progresso, quanto dos positivistas defensores das virtualidades do Estado moderno. Entre os

dois, os tradicionalistas entendem que a solução vem do resgate e da preservação de modos de pensar e organizar a sociedade situados no passado. A modernidade teria provocado uma ruptura com os valores estáveis, capazes de organizar e guiar a humanidade para uma civilização mais ordeira e de acordo com um plano estabelecido por Deus, revelado na tradição bíblica e, ao mesmo tempo, inscrito na natureza. A Igreja Católica posiciona-se com sua tradição teológica, filosófica, política e institucional como a defensora e a reprodutora autorizada de posturas antimodernas, gestora de um ordenamento a ser seguido pelo conjunto da sociedade em franca mutação.

Na verdade, desde as primeiras rejeições aos resultados dos tempos modernos, existem concretamente tradicionalismos, no plural. Os movimentos de reação aos ideais e projetos da chamada modernidade compõem um leque de posturas e ideias que atravessam não somente o catolicismo, mas também o cristianismo, outras tradições religiosas e a própria sociedade secularizada. Nesse sentido, podem-se verificar também tradicionalismos de cunho político, filosófico ou artístico. No seio do catolicismo, essa pluralidade pode ser agrupada por vertentes distintas que demarcam posicionamentos no passado e no presente, todos na contramão do moderno ou, mais precisamente, dos processos de modernização que abrangeram a sociedade como um todo, a partir do chamado Ocidente, e que vazou gradativamente para dentro da própria Igreja Católica.

As assimilações modernas efetivadas no pensamento e na práxis católicos desde o final do século XIX, talhadas nos movimentos eclesiais e nas teologias na primeira metade do século XX e culminadas no

aggiornamento do Concílio Vaticano II, narram a história que tem como outro lado da medalha as resistências a esse processo; resistências que se mostram variadas em seus lugares e sujeitos, bem como na gradativa evolução histórica no decorrer do século passado. De fato, o século XX foi o tempo da luta católica entre renovação e conservação. Nessa luta, os movimentos tradicionalistas construíram suas pautas, estipularam suas matrizes, se institucionalizaram em grupos identitários e consolidaram tendências dentro da oficialidade católica. É de dentro dessas matrizes e a partir desses grupos que se podem mapear não somente as vertentes e tipos de tradicionalismo consolidados (os tradicionalismos clássicos e institucionalizados), mas também a frente tradicionalista (tradicionalismo legítimo) que avançou nos *fronts* da hierarquia católica, desde a conclusão do Concílio Vaticano II, e que hoje ganha novas dinâmicas nas redes sociais (tradicionalismo de projeto). Essas tipologias têm uma função metodológica que permite agregar o disperso e expor a lógica de fundo dos movimentos concretos que se vão desenvolvendo ontem e hoje; oferecem os mapas para interpretar a realidade, embora não seja sinônimo da própria realidade.

Os tradicionalistas são mais visíveis que no passado? Na sociedade atual, plural e tolerante (incluindo a Igreja) que acolhe as diversidades, a sociedade da informação, que possui modos de divulgação e recepção de ideias de todos os tipos, oferece às expressões tradicionalistas maior viabilidade que no passado. Nesse sentido, os tradicionalistas avançam dentro das condições de possibilidade (econômicas, ideológicas, políticas e tecnológicas) oferecidas pela própria modernidade, as quais negam como perigosa a verdade única e pura.

A inevitabilidade do presente se impõe a todos com suas condições e regras, mesmo quando negado nas posturas mais radicais.

Pode-se afirmar que hoje o tradicionalismo avançou para além dos grupos institucionalizados fora ou dentro da Igreja Católica, para além de uma tendência presente, de modo particular, em segmentos da hierarquia católica e para além do próprio corpo eclesial. O tradicionalismo se configura de modo rápido como tendência que angaria adeptos dentro da Igreja e ganha legitimidade com seus grupos virtuais e com seus “pastores particulares”, ocupando um lugar de reprodutores da verdade, muitas vezes em confronto direto com o magistério local e com o próprio magistério papal. Avança, ao mesmo tempo, para o conjunto da sociedade como oferta de significados não somente religiosos, mas também políticos, como garantia religiosa de determinados modelos de governo. O germe político inerente ao tradicionalismo mais religioso costuma emergir em tempos de crise e tecer afinidades com os projetos políticos conservadores. Mas, em nossos dias de domínio implacável da cultura de consumo centrada nas escolhas individuais, o tradicionalismo não deixa de ser mais um produto oferecido às satisfações individuais; forma de solução que garante, por meio da posse segura da verdade e de determinados domínios estéticos, bem-estar individual aos espíritos ávidos de satisfação. Um produto do passado portador de soluções presentes.

Passado, regra fixa, estabilidade, unidade, hierarquia e obediência são as palavras-chave do pensamento tradicionalista operado dentro e fora da Igreja. No caso católico, a visão oferecida pelo Vaticano II mostra-se,

inevitavelmente, como seu oponente frontal. A atenção ao presente (leitura dos sinais dos tempos) rompe com a normatividade exclusiva do passado que dispensa o discernimento do presente. A noção de povo de Deus desmonta no conjunto eclesial a Igreja-sociedade hierarquicamente perfeita. De igual modo, o governo colegiado do papa com os bispos relativiza o poder central do Pontífice supremo. A liberdade de consciência confronta-se com a norma objetiva. A liberdade religiosa nega a religião única e verdadeira. A história da salvação choca-se com as essências dogmáticas fixas. Não há para os tradicionalistas católicos *aggiornamento* possível na Igreja, uma vez que tudo já está definido dogmaticamente, com a firme argumentação da fé e da razão. Resta à Igreja expor e aplicar a verdade que já está previamente definida, formulada como doutrina fixa e transmitida pela autoridade como verdade a ser seguida por todos os fiéis. A Igreja, por sua vez, ocupa um lugar central e uma ligação imediata com a tradição e, por conseguinte, com a revelação divina na história humana. Toda renovação se apresenta como ruptura com esse regime estável de verdade e de vida.

Na contraposição do Vaticano II ao tradicionalismo situa-se hoje de modo concretíssimo o pontificado do Papa Francisco. O projeto de reforma da Igreja capitaneado pelo papa do fim do mundo desenha o centro de uma guerra entre renovação e tradicionalismo. Desde a chegada de Francisco ao trono de Pedro, as oposições de tipo tradicionalista têm crescido ou, ao menos, se manifestado de forma inédita dentro da Igreja Católica. Segmentos eclesiais que, por princípio e regra do *ethos* católico, senão até mesmo da etiqueta diplomática ou da fidelidade institucional, dever-se-iam

apresentar como “defensores” do papa, da comunhão ou da institucionalidade católica, saem hoje em franca oposição às reformas papais. A pauta é, sem dúvida, tradicionalista; opõe explicitamente renovação à tradição, ortodoxia à heterodoxia; as referências do passado são adotadas com parâmetros de julgamento do presente, fechando as possibilidades de circularidade entre as temporalidades e, por consequência, o exercício atual de transmissão (*traditio*) dos conteúdos da fé.

No pontificado atual, os grupos e tendências tradicionalistas se recrudesceram e se mostraram mais visíveis que no passado, uma vez que o campo católico, agora delimitado por um projeto explícito de reforma da Igreja, os torna mais visíveis que no passado recente, quando ocupavam um lugar mais natural e, portanto, na condição de integrados no corpo eclesial, menos destacados e visíveis. O campo religioso católico atual é de um confronto de distintos projetos de reforma ou de conservação. Os tradicionalistas são destacados por essa conjuntura e se destacam em suas causas de antirreformas. A Igreja Católica vivencia hoje um clima de “cisma integrado” ou latente, quando o magistério papal é rejeitado publicamente como herético, mesmo exercido em uma dinâmica radical de sinodalidade episcopal e eclesial.

Com efeito, os tradicionalistas têm nomes, lugares e fisionomias variadas, embora comunguem em algumas frentes comuns de ideias e práticas. Embora adotem pautas temáticas historicamente conhecidas, na verdade estão cada vez mais pautados pelo papa, seguindo de perto suas posturas, declarações e magistério, evidentemente em uma posição de reação nega-

tiva e de oposição muitas vezes frontal. Nada de novo, uma vez que a marca característica dos grupos autor-referenciados consiste precisamente mais em reagir do que em propor. Há sempre um inimigo a ser destacado, desautorizado e eliminado. O Papa Francisco encarna oficialmente as renovações mais temidas pela perspectiva dos tradicionalistas; representa um catolicismo/cristianismo considerado equivocado e traidor da autêntica tradição da fé instituída dogmaticamente em Concílios anteriores ao Vaticano II. Em oposição a tudo que significar renovação doutrinal, moral e institucional na Igreja, os tradicionalistas afirmam sempre a conservação intacta do que entendem ser a autêntica tradição e a verdade pura. Ainda que essa postura possa assumir nuances diferenciadas da parte dos grupos e frentes tradicionalistas, ela expressa a coincidência de fundo: a existência de uma verdade objetiva, fixa, universal e imutável que deve definir a doutrina e a práxis da Igreja e, por conseguinte, a vida social, política e cultural. A verdade, a moralidade e a espiritualidade são essências imutáveis, mas que se expressam em modelos históricos paradigmáticos a serem adotados na vida do católico como único meio seguro de viver a fé dentro da relatividade histórica, por definição portadora de erros. A ilusão de um modelo histórico de verdade geral a ser reproduzido em todo tempo e lugar, portanto, de uma espécie de história realizada ou de fim da história, constitui o fundamento contraditório do tradicionalismo, uma vez que adota como cânone um modelo delimitado historicamente como qualquer outro. É sobre o mito de uma época que os movimentos tradicionalistas se edificam e dele se tornam fiéis e missionários.

O estudo sobre o tradicionalismo religioso é escasso em nosso contexto acadêmico da ciência da religião e da teologia. O foco que prevaleceu nas ciências dedicadas à religião nas últimas décadas foi sobre os grupos e as tendências pentecostais com seus fundamentalismos e teologias do poder de Deus, enquanto a teologia concentrou-se nas temáticas sociais clássicas, bem como em novas temáticas relacionadas aos sujeitos excluídos. O tradicionalismo foi um antagonista tão real quanto oculto dessas abordagens e consolidou seu percurso como tendência cada vez mais hegemônica no catolicismo, ao menos nas instâncias dirigentes da Igreja. Mas também avançou como tendência entre os muitos pentecostais, na medida em que se aproximavam do poder político, primeiro nas bancadas legislativas e, mais recentemente, nos postos executivos. Talvez os estudos de religião tenham comungado do pressuposto moderno que acreditou ter superado historicamente as formas de pensamento conservador, ao menos nas suas expressões mais sectárias e intolerantes. A conjuntura atual revela a subsistência e o avanço das posturas tradicionalistas dentro da Igreja Católica, sem maiores controles socioreligiosos da parte da hierarquia, em princípio, orientada pelo *aggiornamento* conciliar. Hoje menos latentes, os tradicionalistas desvelam, por certo, a persistência das posturas conservadoras presentes no imaginário cristão-católico; trazem à tona um núcleo dogmático feito de conteúdos do passado que conta agora com adeptos diretos e indiretos no conjunto do corpo eclesial. Matrizes de pensamento pré-conciliares atravessam o conjunto da Igreja, desde versões teológicas sofisticadas até versões nitidamente populares, dominadas por paixões estéticas, experiências miraculosas e fanatismo político.

Hoje os tradicionalistas ganham espaço e fôlego nas redes sociais e nas frentes políticas da ultradireita que exibem seus projetos conservadores pelo Ocidente afora. As páginas que seguem pretendem apresentar um roteiro preliminar de análise sobre esse fenômeno de longa duração na história católica e, ao mesmo tempo, de construções recentes. O fenômeno é, evidentemente, mais complexo do que a forma como está aqui exposto e analisado. Cientes desse limite, as considerações ora expostas visam somente aproximar o leitor de alguns tópicos esclarecedores da questão cada vez mais visível na contemporaneidade. A relevância do fenômeno exigirá de agora em diante estudos mais minuciosos.

O que aqui se apresenta, embora seja um exercício de análise sócio-histórica e de discernimento ético-teológico sobre o fenômeno, não se encena com qualquer postura metodológica de neutralidade científica. Ao contrário, a análise tem como pressuposto a convicção do equívoco histórico, hermenêutico e mesmo teológico dessa postura referenciada pelo imperativo de um modelo de civilização que vem do passado e se afirma no presente como emblema da verdade e solução para todas as crises históricas. A reflexão entende, portanto, que a história só pode caminhar para a frente e que todo retorno será sempre uma ilusão que evita o esforço de discernimento do presente e o desafio da construção do futuro. Professa também que o cristianismo é sempre uma fé vivenciada na salvação sempre atual e que recebe e transmite o que adquiriu do passado nas situações concretas e avança na direção de uma promessa de futuro, o Reino de Deus. Por essa razão, a última parte do estudo dedica-se à exposição

dos limites e dos discernimentos possíveis, tendo como referência uma perspectiva valorativa cristã.

O presente estudo tem como foco específico o tradicionalismo de viés católico, embora sejam evidentes as características comuns com tradicionalismos construídos e reproduzidos em outros territórios confessionais e, até mesmo, não confessionais. O tradicionalismo parece ser, de fato, uma postura regular nas tradições religiosas. As religiões se apresentam sempre como portadoras de uma mensagem recebida do passado, de tempos imemoriais. É possível mapear com nome e endereço essas expressões nas chamadas religiões mundiais e nas religiões monoteístas. Não faltam grupos e tendências que se referenciam por modelos de interpretação e de vida do passado, chegando a modos de vida radicalmente conservadores com suas respectivas afinidades políticas. No interior do cristianismo de matriz anabatista, as comunidades *Amish* e certas tendências menonitas ilustram essa prática de reprodução do passado nos modos de vida e de pensamento. No caso do catolicismo, como será descrito no decorrer do trabalho, o tradicionalismo assumiu algumas formas e modos de expressão distintos, porém embasados na convicção comum da degradação do presente – sobretudo moral e política –, tendo em vista o abandono da religião católica como centro estruturador da vida social, cultural e política. A saída vem do passado, de um modelo que, segundo acreditam, já foi validado em sua coerência e eficácia em termos de organização geral da vida: a civilização católica que triunfou na cristandade medieval.

Contudo, se a tradução monárquica teocrática não constitui mais um modelo político unânime, embora frequentemente evocado como viável por grupos

e indivíduos, novas afinidades políticas foram sendo construídas já no século passado entre o ideário tradicionalista e os regimes autoritários de direita. As afinidades entre ideários e práticas religiosas e políticas conservadoras construíram conjunturas políticas originais. No caso do Brasil, a chamada nova cristandade capitaneada por Getúlio Vargas (de tradição militar positivista e agnóstica) contou com o apoio de conservadores e tradicionalistas católicos. A ditadura militar foi alavancada pela grande marcha da *Família com Deus pela liberdade*, movimento organizado pela Igreja Católica e financiado por grupos protestantes norte-americanos. Ecumenismo político de direita já tem história em nosso país. As afinidades políticas se sobrepõem às religiosas. Em nossos dias, o tradicionalismo religioso cristão – misto de integrismo católico e fundamentalismo pentecostal – assume formas inusitadas em governos nos países ocidentais. As Constituições se misturam sem divergências com a Bíblia e com rosários, em comícios, em manifestações militares e em sessões oficiais de exercício do poder. Fala-se até mesmo da presença imprescindível da Bíblia no judiciário. Se o Estado laico ainda está sustentado por estruturas objetivas que o preservam de pé, entretanto, sofre cotidianamente pressões de uma gestão religiosa do poder. A democracia vai sendo corroída também pelos ácidos religiosos preservados de modelos do passado. A fundamentação religiosa do poder ainda permanece como regra? Os tradicionalistas e fundamentalistas ainda alimentam a guerra supostamente superada entre divindade e democracia.

A força do passado na fraqueza do presente! Na verdade, certos modelos do passado representam um

tempo superior ao presente pelas virtualidades éticas que mantêm como fonte disponível a ser acionada pelos que possuem sua chave. E a chave religiosa é a principal, a que abre a porta mais segura da verdade e da salvação. O líder religioso, por sua vez, é o porteiro legítimo e seguro que pode acioná-la e destravar o presente de suas amarras malignas. O presente decadente e sem modelos políticos concretos e viáveis a oferecer, uma vez demonstrado suas falências, só pode ser solucionado a partir de referências que supostamente vêm do passado, embora todo passado só possa ser, na verdade, uma construção presente. Nesse cenário que avança a passos largos, recusam os catolicismos liberal e social, recusam as ciências e os direitos sociais. As democracias morrem e o religioso ressurge como legitimação de poderes autoritários.

As explicações que seguem estão estruturadas em quatro partes, cada qual composta por dois pequenos capítulos. A primeira faz uma aproximação da temática, do ponto de vista empírico e conceitual. Visa mostrar que o tradicionalismo persiste e cresce em diferentes frentes e expressões a partir de um imaginário comum. A segunda apresenta as estruturações do tradicionalismo, a partir do epicentro da modernidade e, por conseguinte, do Vaticano II. Esse evento que reposicionou a Igreja perante o processo de transformação histórica, abriu uma nova era eclesial que nega o tradicionalismo como hermenêutica da história e como modelo de vida eclesial. A terceira oferece duas reflexões sobre as afinidades políticas dos tradicionalistas, sendo uma delas a relação da direita mundializada com o Papa Francisco. Os tradicionalistas não atuam sozinhos nesse momento histórico, mas cada vez mais

afinados com projetos e governos de direita que emergem pelo planeta. A última parte apresenta duas reflexões compostas de discernimentos críticos sobre o fenômeno, em nome da fé e da razão, ou seja, com ferramentas analíticas das ciências e da teologia, sendo ambas munidas de análises valorativas. Essa parte de natureza teológica bebe diretamente da metodologia que brota do *aggiornamento* conciliar e adquire hoje excepcional vigor no magistério do Papa Francisco.

O tradicionalismo é fato histórico que acompanha o catolicismo nos tempos modernos, ao menos desde que esses tempos acelerados cruzaram com os tempos lentos da Igreja Católica, estabelecendo uma dialética contínua entre ambos. Trata-se da história da resistência católica a processos de modernização, em nome de um passado mais autêntico e verdadeiro, de uma época e de um modelo mais santos por serem expressão de uma realidade imutável e que sempre deverá perpetuar; uma dialética possivelmente sem síntese, na medida em que os tradicionalistas se apresentam como verdade oposta às falsidades que colocam em risco a fé, a Igreja e a humanidade.

O TRADICIONALISMO
E OS TRADICIONALISTAS

Predecessores nossos opuseram-se constantemente, com firmeza apostólica, às maquinações nefastas dos homens maus, que lançam a espuma de suas confusões, semelhantes às ondas do mar tempestuoso, e prometem liberdade, sendo que eles, como são escravos da corrupção, tentados com suas opiniões falaciosas e escritos perniciosos, transformam os fundamentos da religião católica e da sociedade civil, acabam com todas as virtudes e justiça, depravam corações e entendimentos, retiram da disciplina moral correta as pessoas sem cautela, a juventude inexperiente... (Pio XI, Quanta cura).

Aqueles que não dobram os dois joelhos, e nem sequer um só, diante de Baal; os que temos a Lei de Deus escrita no bronze de nossas almas, e não permitimos que as doutrinas deste século gravem seus erros sobre este bronze que sagrado a Redenção tornou (Plínio Corrêa de Oliveira).

CAPÍTULO I

Fisionomia e dinâmica do tradicionalismo católico

O tradicionalismo católico emergente nos grupos, nas mídias e no interior das práticas eclesiais, não se apresenta como tal; ao contrário, se apresenta sempre como catequese católica e, portanto, como anunciador de uma verdade que vem desde as origens do Evangelho. Esta é a autoimagem fundante do tradicionalismo desde que foi sendo estabelecido dentro ou no entorno da Igreja Católica. A formulação verdadeira que fundamenta a postura é oferecida como única e universal, como evidência a ser acatada, regra inquestionável que, por sua natureza, dispensa todo tipo de crítica. O tradicionalismo se entende e opera como verdade sempre atual. Nesse sentido, o conceito de tradicionalismo é uma formulação externa ao grupo; advém dos que enxergam a postura como afirmação do passado em contraposição ao presente, a conservação em vez da mudança. Os tradicionalistas católicos sempre se entendem e se autodefinem como católicos ou como os autênticos católicos que se opõem aos católicos equivocados. São os católicos portadores da autêntica tradição, cujos modelos defendidos se ligam

diretamente a Jesus Cristo e, por essa razão, se mantêm em luta permanente com os modernismos (a começar dos católicos modernistas) que corroem a fé católica com suas ideias e práticas.

De modo mais direto ou menos direto, é o que se pode verificar em muitos programas exibidos pelas televisões católicas, em homilias dominicais de muitos padres, em discursos que circulam pelas redes sociais. Mas é também o que se apresenta como postura implícita ou explícita em muitos grupos institucionalizados dentro da Igreja. Ele está no meio de nós e opera legitimamente como discurso católico, tanto pelos que estão inseridos no corpo eclesial quanto pelos grupos que estão fora. Não há dúvidas de que são católicos, mas perfilam um tipo de catolicismo que se referencia por visões, valores e práticas de matriz pré-moderna; se legitimam a partir do passado e com grande dificuldade de assimilar mudanças no presente, sobretudo no que se refere às mudanças no campo da doutrina, da moral e das vivências litúrgicas católicas. É possível detectar direções nos avanços tradicionalistas: os que se dão de modo institucionalizado em grupos nominais e públicos, os que ocorrem por meio de clérigos pregadores com suas mídias, os que acontecem espontaneamente por dentro das práticas eclesiais regulares nos movimentos e nas pastorais de um modo geral.

Portanto, pode-se falar em tradicionalismo destilado em estado bruto, presente nos grupos que assim se assumem em suas identidades e em tradicionalismo dissolvido no conjunto dos grupos e das práticas eclesiais; os dois bebem regularmente de fontes comuns, exibem os mesmos símbolos e, em situações particulares, podem

se aproximar e até assumirem bandeiras comuns, como no caso da conjuntura política de ascensão da extrema direita política no planeta e particularmente no Brasil.

Neste primeiro tópico se buscará definir e caracterizar o tradicionalismo. A tendência tradicionalista de longa data na Igreja se mostra em frentes e grupos no decorrer da história e em novas formas de organização na sociedade em rede. A hipótese é de que é possível descrever de modo tipificado o comportamento dessa tendência católica. E como todo mapeamento, o mais importante não é o mapa, mas a realidade e, evidentemente, como o mapa pode ajudar a distinguir a realidade concreta nos dias de hoje.

1. A presença do tradicionalismo católico

Os grupos tradicionalistas católicos têm crescido, ganhado expressão pública e se disseminado no interior da Igreja Católica nos últimos tempos. As mídias têm mostrado esse fato sociorreligioso em diversas ocasiões, sobretudo a partir do pontificado do Papa Francisco e da ascensão mundial de uma ultradireita política (Farid Kahhat, 2019). Não parece necessário exigir pesquisas numéricas para demonstrar a existência desses grupos e dessa tendência visíveis e atuantes no interior da Igreja Católica. Basta observar o crescimento nominal dos mesmos durante os pontificados de João Paulo II e Bento XVI, mas, sobretudo hoje, a presença de muitos deles nas redes sociais. Compondo evidentemente uma gradiente que vai de um rígido tradicionalismo (caso dos Legionários de Cristo e Arautos do Evangelho) a modelos mais flexíveis, caso

de vários movimentos leigos, dentre os quais estão os que adotam a matriz do pentecostalismo católico (Renovação Carismática Católica) em diversas denominações e frentes de atuação, os tradicionalistas que avançam e se mostram, por um lado, mais legítimos e, por outro, mais destacados e, até mesmo, exóticos, por exibirem comportamentos que extrapolam a regularidade eclesial pós-conciliar. A propósito do exotismo religioso e político, parece ser este um componente mais ou menos comum dos grupos e personagens tradicionalistas que não poupam verbos em certas afirmações de cunho religioso, assim como exibem estéticas dignas de filmes de ficção. Fraseados intolerantes fora do politicamente correto, afirmações que negam fatos históricos, apoios a regimes autoritários, rituais em latim e trajes medievais fazem parte das composições identitárias que muitos personagens e grupos exibem publicamente.

Esses grupos e tendências ganharam força política, pastoral, moral e litúrgica dentro da Igreja e crescente visibilidade nas redes sociais. Mais que nas décadas que sucederam ao Concílio Vaticano II, apresentam-se hoje com identidades mais nítidas e com desenvolvimentos mais agressivos, reivindicando não somente um lugar legítimo dentro do catolicismo, mas também uma posição de portadores da verdade autêntica da tradição cristã e, com frequência, de intolerância às diferenças religiosas e políticas.

As conjunturas políticas mundial e nacional têm sido uma espécie de amparo ideológico para os diversos tradicionalismos, mas, mais que isso, demonstrado um quadro do que weberianamente poderia ser descrito

como dinâmica de *afinidade eletiva* (Weber, 1996, p. 64). Os católicos tradicionalistas e os grupos políticos de ultradireita se afinaram em torno de pontos comuns ou em posturas de fundo, propiciando cenas políticas peculiares, compostas por sujeitos e universos valorativos em princípio distintos. De fato, uma espécie de ecumenismo tradicionalista agrega, sem maiores problemas, distintas confessionalidades, bem como distintas opções político-partidárias, que relativizam as diferenças históricas, ideológicas e teológicas em função de uma estratégia comum assumida como urgência para o país ou para o Ocidente.

Os tradicionalistas estiveram presentes no catolicismo, inclusive por décadas em seu próprio comando, desde que a postura se configurou como projeto no seio da Igreja e da sociedade, ou seja, desde as revoluções modernas que dissolveram gradativamente o velho regime do homem religioso hierárquico constitutivo da cristandade. Os papas antimodernistas compuseram, de fato, o aparato doutrinal legítimo para os grupos e tendência tradicionalistas que vieram depois e que persistem em vários formatos no interior e no exterior da Igreja Católica nos dias de hoje. Há uma construção doutrinal do tradicionalismo que o torna ainda hoje legítimo na boca e na vivência de seus defensores; dessa fonte retiraram no passado e tiram no presente conceitos de verdade, normas morais, juízos sobre a realidade presente, modelos litúrgicos, concepções de Igreja, matrizes de espiritualidade e, até mesmo, padrões estéticos.

A presença dos grupos tradicionalistas tem se mostrado de modo bastante visível em nossos dias, o

que se deve, por certo, a alguns fatores, tais como: a visibilização promovida pelas mídias que operam em tempo real e tornam os fatos onipresentes; o pontificado do Papa Francisco que distingue de modo mais nítido, com seu projeto, os prós e os contra, ou seja, os reformadores e os tradicionais; e a ascensão política da ultradireita pelo mundo afora que se afina politicamente com essa tendência e, direta ou indiretamente, a exhibe socialmente como apoio religioso.

Alguns episódios e posicionamentos podem ser relembrados como manifestações emblemáticas já bem conhecidas de todos. São dois documentos e três episódios de militâncias de grupos tradicionalistas que ilustram os posicionamentos dos mesmos em relação ao que julgam ser traição da pureza católica.

1^o) Manifesto dos Arautos do Evangelho

O resto que voltará!

Com essa passagem bíblica retirada de Is 7,3, os *Arautos do Evangelho* lançavam um manifesto reagindo à nomeação de uma comissão de investigação sobre a associação, mediante denúncias de irregularidades que vieram a público. Um manifesto com título em latim (*Residuum revertetur*) traduzindo a referida passagem bíblica foi postado na *página oficial da entidade em 6 de julho de 2017*, sendo, em seguida, negado como de autoria oficial da instituição. No frontispício da página duas expressões ofereciam uma epígrafe do manifesto: uma explicitando a reação do grupo perante a visita da Comissão nomeada por Roma, “Visita canônica ou inquisição farisaica?” e, logo abaixo, outra de caráter

mais universal, “Querem destruir a Igreja e isto não vamos permitir”. O trecho transcrito de parte da introdução do Manifesto oferece uma elucidativa ideia da autoimagem do grupo que transfere para toda a Igreja a suposta perseguição da qual estaria sendo vítima. Na sequência, o manifesto concentra-se na denúncia de irregularidades da parte do Papa Francisco.

NON POSSUMUS! Estamos diante de um novo calvário! De um novo deicídio! Crucificaram a Cristo e agora crucificam a Sua Esposa! Não podemos permitir a destruição da Santa Igreja!

Que venham os pastores de almas! Conclamamos “os bons sacerdotes espalhados pelo mundo cristão, quer os que estejam atualmente no combate, quer os que se tenham retirado da confusão da batalha para os desertos e ermos e se unam a nós!”. Conclamamos os bispos bons e os cardeais santos, os pastores escolhidos por Jesus Cristo que não podem negar o seu Santíssimo Nome! Que defendam os incontáveis fiéis que, sem a bússola da verdade, correm o risco de se afundarem neste oceano de erros e horrores...

Que venham também os intelectuais, os escritores e todos os artistas! Convocamos todo o povo fiel! Aproximem-se os piedosos de todas as idades! Que adiram a esta cruzada de ação e de orações, em favor da Santa Igreja!

Não há mais dúvidas! Agiremos com base em CERTEZAS! Chegou a hora de resistir filialmente, mas de resistir! Por muito, muito, muito

menos, Paulo resistiu em face (cf. Gl 2,11) diante de Pedro! Abramamos, pois, os nossos olhos e não sejamos surdos aos clamores de Deus: “Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais os vossos corações” (Hb 3,7-8)!

E, como dizia João Paulo II: “Não tendes medo!”. Paulo VI denunciou que a “fumaça de satanás entrou no lugar sagrado”! Bento XVI, ainda entre nós, anunciou que a “ditadura do relativismo” está estabelecida!

É o que bradaremos! Nós, membros dos Arautos do Evangelho, dissidentes da gloriosa e perturbadora TFP – Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade – e que nos definimos, nas palavras de nosso Pai e Fundador, o Sr. Dr. Plínio Corrêa de Oliveira, como “aqueles que não dobram os dois joelhos, e nem sequer um só, diante de Baal; os que temos a Lei de Deus escrita no bronze de nossas almas, e não permitimos que as doutrinas deste século, gravem seus erros sobre este bronze que sagrado a Redenção tornou”.

2ª) Papa Francisco acusado de herege

Um grupo de estudiosos e padres católicos acusou oficialmente o Papa Francisco de herege. O texto foi publicado no site *LifeSiteNews* no dia 30 de abril.

O trecho transcrito é extraído da Introdução do documento redigido por teólogos de várias partes do mundo na Semana Santa de 2019. A carta dirigida

a cardeais e bispos faz uma acusação pública de que Francisco é herege e pede dos mesmos a tomada de providências. O documento expõe vários pontos das acusadas heresias cometidas por Francisco, tomando como referências textos da tradição católica, de modo particular do Concílio de Trento.

Nós o abordamos por duas razões: primeiro, acusar o Papa Francisco do crime canônico de heresia, e segundo, pedir que ele tome as medidas necessárias para lidar com a grave situação de um papa herege.

Tomamos essa medida como último recurso para responder aos danos cumulativos causados pelas palavras e ações do Papa Francisco ao longo de vários anos, que levaram a uma das piores crises da história da Igreja Católica.

Estamos acusando o Papa Francisco do crime canônico de heresia. Para que o crime canônico de heresia seja cometido, duas coisas devem acontecer: a pessoa em questão deve duvidar ou negar, através de palavras e/ou ações públicas, alguma verdade divinamente revelada da fé católica que deve ser acreditada com o consentimento da fé divina e católica; e essa dúvida ou negação deve ser persistente, isto é, deve ser feita com o conhecimento de que a verdade que está sendo duvidada ou negada foi ensinada pela Igreja Católica como uma verdade divinamente revelada, que deve ser acreditada com o consentimento da fé e dúvida ou negação devem ser persistentes.

Embora acusar um papa de heresia seja, é claro, um passo extraordinário, que se deve basear em evidências sólidas, ambas as condições foram demonstradas pelo Papa Francisco. Não o acusamos de ter cometido o crime de heresia em todas as ocasiões em que ele pareceu contradizer publicamente uma verdade de fé. Nos limitamos a acusá-lo de heresia nas ocasiões em que ele negou publicamente algumas verdades da fé e depois agiu de forma consistente, de uma maneira que demonstre que ele não acredita nessas verdades que negou publicamente.

3ª) Militância dos grupos tradicionalistas

Tem sido frequente a ação de grupos católicos tradicionalistas em eventos que julgam ferir a pureza doutrinal e litúrgica católicas. A tentativa desses grupos é impedir que os eventos ocorram e, para tanto, lançam mão de estratégias de afrontamento direto ou por meio de ações orquestradas nas redes sociais. Os dois mencionados episódios vieram a público na grande mídia e são exemplares das ações regulares desses grupos. Um primeiro realizado pelo Colégio São Luís, da Companhia de Jesus em São Paulo, um segundo ocorrido no Rio de Janeiro, em celebração do Dia da Consciência Negra.

Palestra “Temas transversais; gênero e sexualidade”, Colégio São Luís

Uma palestra sobre gênero e sexualidade ministrada pelo Dr. Dráuzio Varella, oferecida aos pais

de alunos do Colégio São Luís, tradicional escola católica da capital, provocou polêmica nas redes sociais e fez a instituição de 150 anos ser alvo de críticas de internautas, que chegaram a organizar um abaixo-assinado *on-line* contra o evento. A repercussão levou o reitor do colégio, Padre Carlos Alberto Contieri, a enviar uma carta aos pais, prestando esclarecimentos, mas ressaltando que a atividade seria mantida.

O convite para a palestra foi publicado na página do colégio no Facebook na segunda-feira. O evento faz parte de uma série de conferências voltadas para pais de estudantes do 6º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio sobre temas diversos, como *bullying*, drogas e internet. O colégio tem mais de 2,5 mil estudantes.

Após a postagem do evento, alguns internautas começaram a acusar o colégio de promover a chamada ideologia de gênero. As críticas, no entanto, eram minoria. A maioria dos mais de 2 mil comentários era de pais de alunos parabenizando o colégio pela iniciativa e reprovando o posicionamento dos que discordavam do evento.

As críticas, porém, não ficaram restritas às redes sociais. No site O Fiel Católico, ligado à Fraternidade Laical São Próspero, um texto fazia a mesma acusação ao colégio e criticava Varella. Pedia que os católicos incomodados enviassem e-mail para a Arquidiocese de São Paulo, solicitando que o evento fosse cancelado (Revista *Forum* de 22 de setembro de 2017; acesso em: 21/11/2019).

Celebração na Igreja Sagrado Coração de Jesus no Rio de Janeiro em 20 de novembro de 2019

Grupo de católicos conservadores tentou impedir a realização de uma missa em homenagem ao Dia da Consciência Negra na Igreja do Sagrado Coração de Jesus, na Glória, Zona Sul do Rio. A cerimônia tem cantos afro e o toque de atabaques e foi divulgada nas redes sociais da igreja. De acordo com frequentadores da paróquia, o grupo, de cerca de 20 pessoas, tentou impedir o padre de iniciar a celebração. O sacerdote, entretanto, se negou, e a missa foi realizada. Ao final, houve discussão entre o grupo e integrantes da paróquia.

“Eles chegaram antes da missa começar. Vários homens de terno e mulheres de véu. Nunca tínhamos visto essas pessoas aqui. Essa missa afro é feita há 15 anos na igreja. Logo no início da missa o padre fez um discurso dizendo que não estávamos fazendo nada de errado. Eles permaneceram na igreja, filmando tudo. No final, aconteceu a confusão — contou uma frequentadora da paróquia” (Extraglobo.com, 20/11/2109. Acesso em: 21/11/2019).

4º) Novos iconoclastas

Por ocasião do Sínodo da Amazônia, a Associação “Casa Comum”, ligada à Rede Pan-Amazônica, organizou uma exposição com trabalhos artísticos dos indígenas da região. A exposição foi realizada na Igreja de Santa Maria, paróquia

mais próxima da Basílica de São Pedro. Dentre as várias expressões, havia estátuas representando a Pachamama, a mãe terra, de algumas culturas indígenas. No dia 22 de outubro, dois homens adentraram no local, retiraram as estátuas e atiraram no Rio Tibre. A razão alegada foi de ordem teológica e esteve presente no título do vídeo postado na rede YouTube: “Pachamama idols thrown into the Tiber river!” [Ídolos de Pachamama jogados no Rio Tibre!]. Os personagens infratores alegaram estar fazendo um bem para Jesus e para a Igreja.

Antes do episódio, sites ultraconservadores de católicos de Roma já haviam divulgados opiniões contestando o fato de materiais advindos da Amazônia terem sido utilizados em cerimônia presididas pelo papa nos jardins do Vaticano. Para esses grupos, a presença das expressões indígenas tratava-se de uma blasfêmia. Após o episódio do furto e pretendido desagravo à fé, os mesmos canais o avaliavam como “justiça feita” e aplaudiam a “coragem” dos dois católicos. O episódio mostra de forma concreta a presença e a força do tradicionalismo operacionalizado pelas mídias sociais. Obviamente não se trata de uma rejeição iconoclasta ao uso de imagens nos recintos e nos cultos católicos, postura muito prezada por esses grupos, mas de uma rejeição à cultura amazônica e à legitimidade de um diálogo inculturado com a mesma por parte da Igreja Católica. Trata-se, de fato, de uma cena típica do tradicionalismo

que nega o diálogo com as diferenças e as entendem como inimigas da fé e portadoras de erros. O pretexto teológico do ato (idolatria) esconde, na verdade, uma postura de etnofobia (IHU de 22 de outubro de 2019. Acesso em: 08/11/10).

Estes fatos são ilustrativos de um tradicionalismo militante atual. As tendências tradicionalistas são, evidentemente, mais amplas e diversificadas e atuam de maneiras igualmente diversificadas dentro do corpo eclesial e da sociedade. Em outros termos, há tradicionalismos mais moderados, sobretudo naqueles que ocupam lugares institucionais na hierarquia da Igreja. Aí, de fato, as posturas tradicionalistas se reproduzem por vias oficiais por dentro da canonicidade e da rotina pastoral católicas.

Os dados elencados revelam os perfis e as estratégias desses grupos e tendências que indicam uma espécie de “caricatura eclesial” dos segmentos tradicionalistas católicos, em princípio integrados na comunhão católica. São eles grupos mais intelectualizados ou mais militantes, mais institucionalizados ou mais espontâneos, porém todos dispostos a enfrentar aquilo que julgam ser um desvio doutrinal e a atacar os sujeitos divulgadores dos erros como perigosos para serem expurgados da Igreja. Utilizam-se de estratégias de comunicação pelas redes sociais e ações diretas nos eventos, sustentando intolerância explícita em relação às posturas diferentes às que professam como verdade inquestionável; produzem documentos e fatos políticos que visam denunciar os erros em cenas públicas de rápida circulação e de grande alcance midiático. O tradicionalismo saiu dos velhos guetos institucionais,

rompeu com as posturas diplomáticas e com a etiqueta da elegância eclesial e assumiu a lógica das bolhas sociais reproduzidas pelas redes sociais. Portanto, se no passado era mais fácil separar o joio do trigo, hoje a mistura é que parece prevalecer no seio das comunidades eclesiais católicas. Os novos meios de comunicação interativos introduzem produtos de várias naturezas na vida das pessoas, sem licença e sem critérios prévios da parte dos receptores/reprodutores. Nessas redes, cada bolha social possui sua verdade e a reproduz com grande agilidade, rompendo com os mecanismos identitários tradicionais pautados em regras e padrões objetivos. Cada comunidade com sua verdade.

2. Quem são os tradicionalistas?

Os grupos tradicionalistas e as afirmações mais radicais podem ser logo identificados com essa denominação ou como católicos conservadores, por parte do senso comum, das apreciações e debates cada vez mais comuns nas mídias interativas e da grande mídia em geral. Contudo, determinadas posturas podem, muitas vezes, ficar posicionadas em uma zona limítrofe um tanto indefinida ou ainda permanecer inserida em um conjunto discursivo que esconde sua real vinculação com o imaginário tradicionalista. Por outro lado, muitas posturas ritual e esteticamente renovadas reproduzem, em muitos casos, conteúdos tradicionalistas. A pergunta *quem são e onde estão* não obtém uma resposta simples; ao contrário, exige observações mais cuidadosas e o conhecimento daquilo que, de fato, os constitui como segmento católico do passado e do

presente. Os dois itens a seguir visam aproximar-se da questão, esclarecendo-a do ponto de vista conceitual e descrevendo suas características principais, detectáveis nas posturas e nos discursos por eles manifestas.

a) Definições

Primeiramente é preciso distinguir o tradicionalismo aqui analisado, ao menos de dois conceitos próximos. O primeiro diz respeito à escola filosófico-teológica organizada na França do século XVIII e XIX, denominada “tradicionalismo” que mereceu, inclusive, a condenação de papas – *Mirari vos* (1832), *Singulari nos* (1834) e *Pascendi* (1907) por afirmarem a revelação como única fonte da verdade e, por conseguinte, negarem a possibilidade de acesso à verdade por meio da razão. Nessa conotação precisa, tradicionalismo designa um movimento histórico-teórico formulado por pensadores como J. de Maistre, Bonald, Lamennais, Boutain e Bonnetty, mas que já perdeu sua visibilidade como tal, embora suas teses se encontrem presentes em muitos grupos religiosos de cunho fundamentalista e integrista, dentro e fora do catolicismo (Schlessinger; Porto, 1995, p. 2542).

A segunda distinção diz respeito à própria noção de *tradição*, dado cultural e religioso inerente aos processos de construção social das identidades religiosas e que adquire um lugar central no cristianismo. A noção de tradição (*traditio*) como transmissão dos conteúdos da fé nos diferentes tempos e nos espaços, pelos seguidores de Jesus Cristo, indica precisamente o contrário do tradicionalismo, na medida em que entende ser ela

um processo de transmissão do passado no presente e, portanto, de discernimento circular entre as duas temporalidades, o que nega as dinâmicas da conservação intacta que caracterizam os diversos tradicionalismos. A tradição é a transmissão que se renova em cada tempo e lugar; em nome de uma experiência fundamental de fé (revelação) formulada em diferentes códigos de linguagem (textos canônicos e interpretativos) que vão sendo decodificados e recodificados por um consenso eclesial (magistério), a Igreja entende como missão a tarefa sempre atual de transmitir de novo aquele conteúdo fundamental por meio de linguagens sempre mais adaptadas à realidade presente (Kampling apud Eicher, 1993, p. 959-966).

Mas outros conceitos podem ainda ser tomados como sinônimos pela proximidade da ideia que designam. É o caso de *conservadorismo*, *integrismo* e *fundamentalismo*. Por conservadorismo se entende a atitude política de escolher preservar em vez de mudar; toda mudança é entendida como legítima desde que retome o passado. O conceito de conservadorismo é mais abrangente que tradicionalismo, uma vez que designa a postura geral de escolher conservar como regra, mesmo que não se fixe em um determinado modelo do passado, como no caso específico do tradicionalismo; o conservador pode negar uma mudança agarrando-se ao presente (há um regime que queira perpetuar), diferentemente do tradicionalista que cria sempre um modelo do passado como referência, via de regra, estruturado por conteúdos dogmáticos religiosos. Contudo, quase sempre o conceito é utilizado para designar a postura comum de defender a preservação em vez

da mudança. Todo tradicionalista é um conservador, embora o conservador não seja necessariamente um tradicionalista.

O conservadorismo político tem o mesmo nascedouro dos tradicionalistas católicos e, muitas vezes, se identifica com esses. Trata-se da França do contexto da Revolução francesa e do Iluminismo. O pensamento conservador, onde se enquadram os tradicionalistas, oferece a chave de leitura da realidade contraposta àquela oferecida pela tradição iluminista que nega o passado e a tradição (teórica, política, teológica etc.) como época das trevas que impede o acesso à verdade e vida humana justa. O filósofo irlandês Edmund Burke (1729-1797) é considerado o pai do pensamento conservador. Suas teses foram expostas na famosa obra *Reflexões sobre a Revolução francesa* (1790).¹ Posicionado na contramão do Iluminismo, afirma o significado da história humana a partir do passado que a construiu e como saída para as crises de então a afirmação dos valores e dos padrões do passado: da velha Europa cristã da cristandade medieval (Nisbet, 1987, p. 14-43).

O integrismo designa especificamente a postura dos tradicionalistas/conservadores no tocante à rejeição do modernismo católico e à afirmação política de regimes anticomunistas. O catolicismo integral pretende *preservar sem nada perder* os valores tradicionais para a Igreja e a política. As teses de que o catolicismo é portador de uma verdade imutável e integral, capaz de dirigir e regenerar a sociedade, rege a doutrina integrista (Antoine, 1980, p. 11). O resultado é uma

¹ Tradução em português: BURKE, Edmund. *Reflexões sobre a revolução francesa*. Brasília: UnB, 1997.

integração necessária entre fé e razão (uma verdade católica => uma ciência católica) e entre fé e política (uma Igreja Católica => uma sociedade católica => um Estado católico). Os tradicionalistas atuais parecem oscilar em relação a essa postura clássica, embora tendam a abraçar as novas expressões da ultradireita política que retoma com bastante naturalidade as funções da religião na organização e exercício do poder. Se não sustentam mais a defesa explícita de um Estado católico, praticam uma espécie de “ecumenismo integrista” juntamente com outros credos com os quais se aliam no exercício do poder.

O fundamentalismo é mais um movimento que brota igualmente das reações à modernidade, tendo como território confessional o mundo protestante, concretamente na América do Norte. Em contraposição ao cristianismo (protestantismo) moderno que acolhe as ciências e o uso das mesmas na leitura do texto bíblico, segmentos protestantes norte-americanos lançam um movimento (*The fundamentals*) de volta aos fundamentos bíblicos como única fonte da verdade certa e segura.² A afirmação de uma verdade revelada presente no texto bíblico e de inerrância da mesma oferece a base do movimento. Se, nesse ponto, estão parcialmente de acordo com os tradicionalistas católicos, eles se distinguem por afirmar a exclusividade do texto bíblico (sem a tradição) e delegar o acesso à verdade diretamente ao indivíduo leitor (livre interpretação),

² A famosa coleção de textos *The fundamentals*, publicada em 12 volumes de 1910 a 1915, representa a doutrina do movimento. Vale conferir uma súmula publicada em português: *Os fundamentos*. São Paulo: Hagnos, 2005.

sem necessidade de um magistério que interprete oficialmente (Armstrong, 2001, p. 81-119).

Essas posturas com nascedouro comum, com valores comuns e com territórios políticos e eclesiais distintos, revelam a mesma insistência em encarar o presente como crise, em entender os tempos modernos como equivocados e por si mesmos sem solução, em propor uma referência de valor e ação, retirada de um fundamento seguro de verdade recebido do passado como revelação de Deus ou como lei inscrita na própria natureza.

b) ○ perfil tradicionalista

A existência, afirmação e expansão do fenômeno tradicionalista ocorrem de maneira plural no interior da Igreja Católica. Têm nomes variados, na medida em que se organizam em grupos de diferentes status eclesiais (grupo de direito pontifício, grupos de direito diocesano, grupos estruturados em comunidades, movimentos inseridos nas paróquias e comunidades católicas) e em várias frentes feitas de adeptos – clérigos e leigos – inseridos no interior da Igreja e participantes de suas rotinas pastorais. São grupos, nomenclaturas e frentes variadas, que comungam de uma postura comum nem sempre visível nos discursos e nas práticas, porém definida como causa substancial (que está por baixo) e, em certas conjunturas, como bandeira comum de lutas. A referência a um passado, concretamente à visão e prática da cristandade, constitui o denominador comum, como será explicitado mais à frente. Portanto, trata-se de uma diversidade que se

mostra de modo institucional ou dissolvido, organizado ou individualizado, nominal ou anônimo dentro do corpo geral da Igreja. Pode-se localizar, portanto, as presenças seguintes do tradicionalismo:

a) *Presença explícita*: posturas manifestas de cardeais da Cúria romana, de bispos, padres e leigos que se opõem ao Papa Francisco e aos Sínodos da Família e da Amazônia, aos discursos do papa, qualificando-o como heterodoxo, herege e comunista.

b) *Presença implícita*: quando bispos, padres e teólogos afirmam, por exemplo, que a Exortação *Amoris laetitia* não trouxe nenhuma mudança, mas que reproduz os ensinamentos morais anteriores, quando afirmam que a *Igreja em saída* proposta por Francisco já estava presente no projeto de Bento XVI e não constitui nenhuma novidade, quando abraçam as causas da ultradireita emergente no planeta como saída para o Ocidente descristianizado.

c) *Presença organizada*: ocorre em grupos que se definem como tradicionalistas por suas posturas doutrinárias e políticas, por suas liturgias e estéticas. Embora nem sempre autodeclarados como tradicionalistas, o perfil desses grupos revela suas opções sem necessitar de exames detalhados. São os casos visíveis dos Legionários de Cristo, dos Arautos do Evangelho, Administração Apostólica São João Maria Vianey e de muitas das chamadas “novas comunidades” que se definem na comunhão católica, mas também os que se posicionam fora da plena comunhão: caso da Fraternidade São Pio X e seus descendentes diretos e indiretos. No Brasil, a clássica TFP (Tradição Família e Propriedade) e a Associação Cultural Montfort perfilam esse seguimento.

d) *Novas organizações*: hoje se apresentam em novas comunidades católicas e, sobretudo, nas redes sociais, por meio de canais do YouTube, com causas e discursos muito próximos a esses dos grupos já tradicionais no cenário nacional.

O tradicionalismo afirmado e veiculado por esses grupos e frentes não é evidentemente idêntico, seja na rigidez do discurso, seja em detalhes ou foco privilegiado de um ou de outros. Contudo, mostra-se em algumas posturas e frentes comuns:

a) *Posturas comuns*: afirmação de uma concepção de Igreja fora do mundo (comunitarismo isolado do resto da Igreja e da sociedade) e detentora da salvação (neognósticos e neopelagianos na denominação de Francisco), concepção dualista da realidade (separação radical entre natural e sobrenatural, história e Igreja, história e escatologia), espiritualidade intimista (mística individualista e ascese rigorista), afirmação de uma estética litúrgica tridentina (liturgias em latim ou ritualismo triunfalista), negação de uma moral social centrada na justiça e igualdade social (deformação da fé e comunismo), moral rigorista centrada na norma objetiva (sem discernimentos de contextos e condicionamentos) e, no fundo de tudo, a afirmação de que a verdade tem seu porto seguro em modelos de vida eclesial, social e política do passado (quase sempre nos moldes tridentino e anteriores ao Vaticano II).

b) *Frentes comuns*: afirmação de um catolicismo autorreferencial e intolerante à diversidade religiosa e ao diálogo inter-religioso, insistência na temática do aborto como o problema central dos dias atuais e condenação da chamada “ideologia de gênero”, afirmação

do anticomunismo como antídoto que visa desqualificar todo discurso libertador, dispensa da reflexão crítica que situe histórica e cientificamente a doutrina da Igreja e os textos bíblicos.

Pode-se dizer, portanto, que hoje o tradicionalismo constitui um dado social católico, estando presente como perfil que define os grupos religiosos, uma política eclesial definida, na medida em que os grupos são públicos e reconhecidos pela Igreja como legítimos, de uma cultura tradicionalista que se dissemina pelo conjunto do corpo eclesial por meio de movimentos instituídos e, de modo expressivo, das mídias de grande alcance.

3. Onde estão os tradicionalistas?

O projeto tradicionalista não é, portanto, uniforme, embora tenha as características anteriormente citadas. Pode-se dizer que ele se estrutura e funciona dentro da Igreja a modo de esferas concêntricas:

1^a) Uma primeira esfera constitui um *núcleo duro isolado e paralelo* à oficialidade católica. É francamente antimoderno (contra toda racionalidade moderna), anti-Vaticano II (nega o Concílio como o último da série dos Concílios anteriores por considerá-lo herege) e antipapa (por entender que o papado está vacante desde a morte de Pio XII, sendo João XXIII herege e, portanto, ilegítimo). Este se constitui em um dos grupos integristas radicais que se identificam com esse perfil sem problemas, ao se afirmar como separatista, por acreditar possuir a verdade católica autêntica e ser o portador da verdadeira tradição.

2^a) Segunda esfera *resistente ao magistério papal*. Constituída por sujeitos e grupos antimodernos, anti ou reticentes ao Vaticano II e, hoje, anti-Francisco. Luta por hegemonia dentro da Igreja, sem escrúpulos em fazer oposição explícita ao papa e seus ensinamentos. Composta por alguns cardeais, por setores do catolicismo conservador norte-americano, por alguns grupos anteriormente mencionados, como os Legionários de Cristo e os Arautos do Evangelho; vive uma espécie de “comunhão eclesial líquida” que rompe com o *ethos* da comunhão eclesial católica e com a fidelidade papal, numa postura bastante próxima do primeiro núcleo.

3^a) A terceira esfera *resistente e inserida na Igreja*. Como já foi dito, essa é constituída por frentes e sujeitos eclesiais igualmente antimodernos, reticentes ou contrários ao Vaticano II e anti-Francisco, porém socialmente encaixados na estrutura da Igreja e alojados na rotina eclesial. São bispos e clérigos que exercem regularmente suas funções na Igreja e publicamente declaram plena comunhão com o papa; são também legítimos (grupos de direito diocesano ou pontifício, prelazias particulares) e integram movimentos inseridos no corpo eclesial. A estratégia é a do boicote e da indiferença nos discursos e práticas pastorais, bem como a da defesa de fachada do Vaticano II e do projeto reformador do Papa Francisco.

Os grupos, frentes e modos de organização revelam que o tradicionalismo é uma postura católica que opera dentro e fora da Igreja, sustentando ideias e práticas com um fundo comum, cujo núcleo central consiste na afirmação de um modelo de visão e de prática da fé assentado em modelos do passado assumidos como

referência rígida para o presente. Essa frente pode ser desenhada de modo tipificado com as seguintes características ou estratégias comuns:

a) *Eternização*: as coisas sempre foram como são e não podem ser modificadas no decorrer da histórica, ainda que as mudanças históricas sejam um dado imediato percebido pela intuição da passagem do tempo, assim como pela evidência física das mudanças de época ou pela constatação racional das modificações das mentalidades e das práticas humanas.

b) *Universalização*: a verdade herdada do passado e claramente formulada em modelos de interpretação e vivência é afirmada como única e aplicada a todos em todos os tempos e lugares sem modificações, ainda que a pluralidade seja um dado observado nas passagens de uma época para outra, ou de uma realidade sociocultural para outra.

c) *Idealização*: as ideias afirmadas como verdades herdadas do passado são melhores que o presente; são superiores à realidade concreta; princípios absolutos que regem a vida em todas as suas configurações, independentes das formas plurais e diversas que possuam, bem como independentes da conexão inevitável de todos os grupos humanos aos condicionamentos e conjunturas históricas concretas.

d) *Conclusão*: as representações e os valores afirmados são verdades concluídas e definitivas e não podem sofrer mudanças; há uma solução definitiva para os problemas históricos em modelos oferecidos como únicos, verdadeiros, bons e belos; o provisório é sempre perigoso, e o definitivo é a base de toda segurança racional, social e política.

e) *Hierarquização*: a realidade é vista como um sistema hierárquico que descende de cima para baixo, partindo de Deus e chegando ao ser humano, partindo da autoridade religiosa e chegando aos subalternos, partindo da verdade e chegando à história, partindo do poder centralizado e chegando aos grupos e indivíduos.

f) *Divinização*: os valores defendidos têm seu fundamento em uma realidade sobrenatural e, por essa razão, são fixos e preservados com temor sagrado e com reverência; aquilo que desviar dessa unidade e segurança dogmaticamente garantidas constitui desvio grave da única verdade que tem no sobrenatural sua fonte permanente e imutável.

g) *Espiritualização*: a fé cristã como algo puramente espiritual, acima e em oposição à realidade material e histórica, embora se posicionem politicamente a favor de projetos políticos de cunho conservador.

h) *Autorreferência*: as referências afirmadas como verdades são por si mesmas boas e normativas e, portanto, constituem o centro a partir de onde tudo é visto e julgado doutrinal, moral e politicamente e as diferenças negadas como falsas e perigosas.

Estas características descrevem de modo típico ideal a visão e a prática de fundo da mentalidade tradicionalista. O que pode ter alguns significados que precisam ser mencionados, que são características de fundo nem sempre percebidas de modo imediato nos grupos e frentes concretos; são também características ou tendências que predominam na visão e nos comportamentos dos mesmos. Nem todos os grupos portam todas elas como eixos de suas percepções e atuações, embora possam possuí-las em graus e extensão

distintos. Como toda tipificação, essas características permitem identificar e mapear metodologicamente os comportamentos religiosos concretos em suas características reais e distintas que se mostram de maneira direta. As estruturas de fundo do sistema tradicionalista serão expostas e analisadas no próximo capítulo.

Para os tradicionalistas, a tradição é entendida como repasse linear de um passado imutável na situação presente, repetição de algo fixo como valor norteador do presente. A tradição é a sequência daquilo que se arranca de um passado remoto e se perpetua como sentido imutável, algo que brota acabado de uma fonte primeira e que se apresenta como definitivo e eterno. Portanto, para essa concepção, a tradição não muda e não pode mudar porque detém a verdade capaz de orientar desde sempre e para sempre. A verdade, a bondade e a beleza residem no passado que se repete de modo fixo e intacto em cada tempo e lugar. O que ousar modificar esse arcabouço fixo e imutável é visto como traição e ruptura perigosa com a estabilidade; perda de sentido e desagregação da unidade (Berger, 1985, p. 42-64).

Nessa perspectiva, a tradição é como um fóssil, algo que foi vivo um dia e que se torna petrificado pela ação do tempo e não muda jamais a sua forma original. Os que entendem a tradição da fé como um passado fossilizado a ser preservado, afirmam que a verdade é sinônimo de passado, que a transmissão da fé é repetição exata da fórmula antiga e que o hoje deve ser a pura repetição do ontem, sem nenhuma alteração. Essa

visão de tradição é, na verdade, tradicionalismo: modo de compreender a tradição como conservação (conservadorismo) e como repetição de uma compreensão formulada no passado (fundamentalismo). Em ambas as posturas, aquilo que foi datado no tempo e no espaço e se fixou como regra e costume torna-se intocável e perpetua-se como algo imutável, de onde provém a verdade. O tradicionalismo nega que se possa construir de novo, hoje, como se construiu no passado. As estruturas são permanentes na forma da lei, das instituições e dos papéis, e seu funcionamento concorre para a sua perpetuação, ainda que a história insista com suas evidentes transformações (Nisbet, 1987, p. 49).